

UMA TRAVESSIA PELO RAP: DISCUSSÕES SOBRE EPISTEMOLOGIA CLÍNICA

A crossing through rap: discussions on clinical epistemology

MASSA, Ana¹

RESUMO

Em nosso trabalho, investigamos a função simbólica do rap para analisar como os jovens rappers brasileiros e franceses, no interior do universo criado por essa expressão artística, utilizam e manipulam símbolos para se representar na realidade, mas também para agir sobre ela, operando deslocamentos que produzirão uma incidência no imaginário associado a esses jovens. Fomos ao encontro de jovens rappers brasileiros e franceses para investigar o que pensam, o que sentem e como agem na realidade social, na encruzilhada entre o que é socialmente estabelecido e subjetivamente vivido. O rap é tomado como um analisador dessas juventudes, permitindo-nos apreender singularidades locais, do contexto onde vivem, e como compartilham suas experiências por meio dessa manifestação artística. Neste artigo discutimos os processos de desconstrução e reconstrução operados em nosso objeto de estudo, frequentemente calados pelos trabalhos científicos, e que a epistemologia clínica convida a explorar como elementos heurísticos da pesquisa. Analisaremos os movimentos de implicação e distanciamento da pesquisadora, que emergem em dois momentos diferentes: durante a realização de campo, no encontro com seu objeto, e durante a escrita, que se realiza no *après-coup* da pesquisa.

Palavras-chave: Rap. Epistemologia Clínica. Função Simbólica.

ABSTRACT

In this research, we investigated the rap symbolic function to analyze how young Brazilian and French rappers within the universe created by this artistic expression, use and manipulate symbols to represent themselves in the reality, but also to act on it, operating displacements to produce an effect on the imaginary associated with these young people. We were to meet young Brazilian and French rappers to investigate what they think, what they feel, and how they act in social reality, at the crossroads between what is socially established and subjectively lived. Rap is viewed as an analyzer of these youths, allowing us to apprehend their singularities, the context in which they live, and how they share their experiences through this art form. This paper discusses the process of deconstruction and reconstruction operated in our object of research, often neglected by scientific studies. Clinical epistemology invites you to explore it as a heuristic element of the research. We analyze the processes of implications and distance in regard as the object of research, that emerges at two different times: during the field, in meeting its object, and during writing, which takes place in the *après-coup* of the research.

Keywords: Rap. Clinical Epistemology. Symbolic Function.

¹ Doutora em Sociologia pela Université Paris Diderot, Paris 7, França, e em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Laboratoire de Changement Social et Politique, Université Paris 7. E-mail: <anamassa@hotmail.com>.

INTRODUÇÃO

No conto *A terceira margem do rio* (ROSA, 1962), o narrador é o filho mais velho de um pai que, depois de ter mandado construir uma barca, deixa sua família para viver sobre o rio. Guimarães Rosa convida o leitor a operar um deslocamento na busca do intangível que caracteriza fundamentalmente esse lugar construído em um *ailleurs*, abrindo inúmeras possibilidades de situá-lo. A terceira margem do rio é, como a clínica, uma travessia singular que se realiza nas trilhas de uma trajetória pessoal, reinventando-se a cada passagem, entre os percalços e a criatividade daquele que a realiza. Ela existe na experiência de cada um, não como uma rota que uma vez percorrida se define como um caminho predestinado a percorrer; sobre o rio, o traçado se apaga atrás da embarcação, convidando cada um a renová-lo. A terceira margem do rio poderia, assim, ser uma imagem da epistemologia clínica, ancorada na experiência subjetiva do pesquisador no encontro com seu objeto de pesquisa, na travessia de orientações científicas entre o psíquico e o social.

Nosso objetivo neste artigo é examinar passagens de nosso percurso de pesquisa que coloquem em evidência os processos de desconstrução e reconstrução operados em nosso objeto de estudo, frequentemente calados pelos trabalhos científicos, e que a epistemologia clínica convida a explorar como elemento heurístico da pesquisa. Tal trabalho se realiza por meio da análise dos movimentos de implicação e distanciamento da pesquisadora, que emergem em dois momentos diferentes: durante a realização de campo, no encontro com seu objeto, e durante a escrita, que se realiza no *après-coup*² da pesquisa.

Na nossa pesquisa, fomos ao encontro de jovens rappers brasileiros e franceses para investigar o que pensam, o que sentem e como agem na realidade social, na encruzilhada entre o que é socialmente estabelecido e subjetivamente vivido. O rap é, assim, tomado como um analisador dessas juventudes, permitindo-nos apreender singularidades locais, do contexto onde vivem, e como compartilham suas experiências por meio dessa manifestação artística. Uma pesquisa de campo realizada em um “país do norte” e um “país do sul” possibilita ultrapassar as fronteiras dos essencialismos e ir ao encontro de uma expressão comum. Nesse sentido, não se trata de uma pesquisa comparativa instaurada entre equivalências e oposições de dois contextos distintos, mas de uma análise construída com base nas ressonâncias produzidas por experiências compartilhadas por jovens rappers brasileiros e franceses. Em nosso trabalho, investigamos a função simbólica do rap para analisar como os jovens, no interior do universo criado por essa expressão artística, utilizam e manipulam símbolos para se representar na realidade, mas também para agir sobre ela, operando deslocamentos que produzirão uma incidência no imaginário associado a esses jovens.

Buscamos associações criadas a partir de iniciativas locais que propunham atividades ligadas ao rap e descobrimos, assim, o universo dos jovens rappers do Blanc-Mesnil, periferia francesa, e, em seguida, dos jovens rappers da Rocinha e de Nova Iguaçu, respectivamente uma favela e uma periferia cariocas.

² Expressão utilizada por Florence Giust-Desprairies (2004) para se referir ao movimento de distanciamento reflexivo do pesquisador, que se realiza principalmente no momento da escrita.

A escolha de estudar nosso objeto de pesquisa com base na sociologia clínica se justifica pela possibilidade que essa abordagem apresenta de apreender a dimensão psíquica e social que atravessa a expressão dos jovens rappers, posicionando-nos “o mais perto do vivido pelos sujeitos” (GAULEJAC, 2007). Se o rap é uma expressão cultural e coletiva, marcada por uma dimensão sócio-histórica ancorada na pós-modernidade, ele é também uma modalidade de subjetivação e de produção de sentido para os jovens.

O simbólico participa da construção do mundo social – ele mesmo simbólico-estruturado por lugares inscritos no campo social, definidos uns em relação aos outros. De fato, o rap foi analisado por diferentes autores como um meio de expressão de jovens moradores de espaços urbanos estigmatizados, como um recurso para mediação simbólica, sendo apresentando como uma proposta de intervenção social com esses jovens. A evolução no seio dessa expressão artística levaria à pacificação de conflitos, à contenção da passagem ao ato violento, conduzindo esses jovens à emancipação e à autonomia. Entre as análises de diferentes pesquisadores brasileiros, franceses e americanos que investem o rap como expressão “salvadora” desses jovens, destacamos esta passagem de Shusterman (2003, p. 121), que dá o tom que podem tomar tais proposições:

Trata-se aqui de expressar esta violência em expressão poética *hardcore*, de proporcionar um combate simbólico, verbal e rítmico, que não destruirá os corpos, mas despertará as consciências (*mind*), animará os espíritos (*spirits*) e criará uma tradição artística cuja grandiosidade contribuirá a promover o orgulho cultural, o aproveitamento social e o potencial econômico dos Afro-Americanos.

Shusterman (2003) revela a idealização do rap presente no trabalho de vários intelectuais que se dedicaram ao estudo dessa expressão artística de jovens moradores de espaços estigmatizados. Primeiramente, um ideal de pacificação, que investe o rap como um meio de canalizar a violência, mas também um ideal da sociedade que o transforma em depositário da esperança em outro futuro socioeconômico para os rappers, produzindo em última instância uma valorização cultural dessa expressão popular. Segundo o autor, esta seria a consequência da transformação da violência, que se tornaria “positiva” por meio do rap.

No Brasil e na França, o rap é analisado por dois discursos, à primeira vista paradoxais, que o associam à expressão de jovens favelados e jovens de *banlieue*. O primeiro alerta em relação ao conteúdo das letras, que, expressando a revolta ligada à discriminação e à precariedade de suas vidas, se tornaria uma incitação à passagem ao ato violento. O segundo sustenta, no extremo oposto, a mediação artística introduzida pelo rap como uma contenção dos mesmos atos violentos que o primeiro o acusa de provocar. A clivagem de tal debate produz análises parciais que apreendem o rap a partir da exterioridade do pesquisador-*expert* e de um discurso normativo que se distanciam do vivido do jovem rapper, da dimensão existencial engajada na performance por meio dessa expressão artística.

Esses dois discursos têm, no entanto, uma base comum: ambos tomam os jovens que vivem em espaços urbanos estigmatizados por um “potencial perigoso”. Segundo o primeiro, o rap incitaria o desenvolvimento desse potencial, sendo os jovens levados a reproduzir na realidade a estética violenta da revolta expressada

pela música, reafirmando-se o medo em relação a essa juventude e ao que ela produz. No discurso oposto, o rap como mediação artística seria uma contenção da manifestação da violência e da periculosidade desses jovens. Assim, os princípios transmitidos por esse movimento associados à valorização de suas trajetórias de vida e de seus pertencimentos étnico-sociais seriam colocados a serviço da “pacificação” desses jovens (LAGES E SILVA; SILVA, 2008).

Alguns trabalhos publicados recentemente sobre o rap se apoiam notadamente no testemunho ou nas obras de rappers adultos ou profissionais (WELLER, 2004; DAYRELL, 2005; PECQUEUX, 2007; TAKEUTI, 2009). Na nossa pesquisa, fomos ao encontro da nova geração de jovens rappers, nascida no fim dos anos noventa, início de 2000, que “faz rap” nas periferias brasileiras e francesas e que tem hoje idade entre 12 e 19 anos. São jovens brasileiros e franceses que sonham em se tornar rappers como uma escapatória da precariedade em que vivem.

ABORDAGEM CLÍNICA: IMPLICAÇÃO E DISTANCIAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A abordagem clínica na qual se inscreve nossa pesquisa se associa à abordagem complexa teorizada por Edgar Morin (2005). Max Pagès (2006, p.11) articula complexidade e clínica, definindo esta última como:

[...] a relação necessária entre a imersão em um encontro com o outro, onde a complexidade tem a aparência de confusão, de perturbação e a análise. Passamos assim dos amálgamas às articulações entre determinismos heterogêneos. Este duplo movimento de confrontação e de análise do vivido, de constituição da sua individualidade em um encontro com o outro e de escolha de um método pessoal de análise em diálogo com outros pontos de vista é característico da complexidade clínica.

A epistemologia clínica continua no mesmo sentido:

A epistemologia clínica tem precisamente sua especificidade na não separação a priori do sujeito conhecedor e do objeto a conhecer. A experiência do pesquisador é primeiramente esta da relação onde sujeito e objeto são dados em um mesmo movimento. Eu me descubro sujeito porque o mundo me resiste e eu descubro o mundo porque ele me resiste como sujeito. [...] Objeto e sujeito existem em relação, se codeterminam. [...] O clínico se interessa por objetos como objetos investidos, inclusive pelo pesquisador. Porque estes objetos não podem ser tratados e abordados em exterioridade aos investimentos feitos por este último (GIUST-DESPRAIRIES, 2004, p. 62).

Veremos que, justamente quando a pesquisadora se encontrava em um impasse em seu trabalho, afetos encontravam representações e revelavam uma parte da realidade sociopsíquica que buscávamos compreender. A evolução da relação entre a pesquisadora e os jovens rappers brasileiros e franceses – o que foi compartilhado por nós – abriu uma via que nos permitiu apreender uma parte do vivido pelos jovens no Blanc-Mesnil, na Rocinha e em Nova Iguaçu, trazendo pistas para compreendermos as significações da prática do rap para aqueles jovens.

A investigação do material exige que o ponto de vista do pesquisador seja situado em nível subjetivo, explicitando sua implicação em relação ao seu objeto, mas também em nível social, em relação aos seus pertencimentos sociais e aos do observado.

Em um primeiro momento, vamos analisar a implicação da pesquisadora na construção de seu objeto de pesquisa e, em um segundo momento, vamos examinar como o encontro com o objeto de pesquisa nos contextos francês e brasileiro produziu percalços à origem da coconstrução de uma pesquisa fundamentada na abordagem clínica.

DA IDEALIZAÇÃO À PROBLEMATIZAÇÃO, UM PERCURSO CLÍNICO

A mensagem difundida pelo hip-hop em suas origens nos anos setenta nos Estados Unidos não deixou indiferentes os pesquisadores que trabalharam com essa manifestação. De fato, o desejo de pacificação, a transformação da violência em expressão artística e as reivindicações de igualdade e justiça social parecem em sintonia com as aspirações de pesquisadores que se interessam pela experiência dos jovens que vivem em situação desfavorecida.

Afrika Bambaataa, fundador do hip-hop, mostrava por meio dessa expressão artística um meio de intervir juntamente com a juventude negra com o objetivo de pôr fim às disputas entre as gangues do Bronx, afirmando sua identidade pela sua valorização, fazendo surgir um novo movimento cultural e urbano nos guetos. Dessa maneira, muitas das pesquisas realizadas sobre o hip-hop reproduziram seu discurso ideológico, afastando-se de análises que problematizassem seus limites, suas contradições e as instrumentalizações das quais foi objeto em outras localidades. Manifesta-se nos trabalhos publicados o desejo de explorar e analisar essa expressão artística – mas também de apoiar esses jovens em suas práticas –, a qual é, contudo, considerada marginal e associada aos velhos estigmas relacionados a essas juventudes.

Ansart (1986) ressalta que a discordância entre os ideais estudados e os ideais do pesquisador podem trazer conflitos para este último. Uma vez que o pesquisador deve escutar a expressão de ideais que não são os seus, ele se vê contestado em seu ideal do eu. A interpelação ideológica provocaria, assim, uma incidência na organização intrapsíquica, de modo que entrariam em cena a imagem e a estima de si, os recalques e a culpa. Contrariamente a tal situação, no início da minha pesquisa, pude experimentar a conciliação entre minhas preocupações, meus ideais e o objeto que eu me preparava para estudar. Em última instância, pretendíamos sintetizar e analisar (e, por esse meio, reforçar) as potencialidades do hip-hop e, mais precisamente, do rap, com o objetivo de acompanhar os jovens na confrontação das dificuldades sociais e nas suas superações.

Nesse sentido, buscávamos explorar as linhas de força encontradas pelos jovens brasileiros e franceses nas favelas e nas periferias, como um meio de relativizar as ideias preconcebidas sobre esses espaços sociais e essas juventudes. Meu ideal encontrava-se, assim, reconfortado pelo meu objeto de pesquisa. Max Pagès (2006, p. 207) indica a esse respeito:

De um lado, as hipóteses dos pesquisadores têm origens afetivas, inscritas em suas histórias pessoais, que constituem uma fonte preciosa de inspiração, mas que são

também origem de erros [...]. As análises das relações afetivas em nível individual, interpessoal e coletivo, a análise da “contratransferência do pesquisador”³ devem ser incorporadas à construção das suas ideias.

O pesquisador corre, assim, o risco de que sua relação afetiva com o objeto determine aquilo que ele irá encontrar no campo, produzindo-se a coincidência entre o procurado e o achado, consequência da cegueira protetora do ideal do objeto, que é o ideal do pesquisador. A exigência da incorporação da análise da contratransferência do pesquisador na construção do seu pensamento indicada por Pagès (2006) se associa ao que Edgar Morin (2005) designa como esforço teórico de integração da crítica da relação entre o pesquisador e seu objeto na construção epistemológica. Isso implica a construção de um ponto de vista que integre o próprio conhecimento como um objeto de conhecimento, um “metaponto de vista”, enriquecendo a reflexividade do sujeito conhecedor. Situar o ponto de vista do pesquisador e fazer sua crítica esclarece o lugar a partir do qual ele pensa e permite identificar a parte dele mesmo que intervém na construção de seu objeto e a maneira como este o habita.

O RAP NAS FRONTEIRAS DA SIMBOLIZAÇÃO: OS COMBATES NO BLANC-MESNIL

Durante a realização dos primeiros meses de campo no Blanc-Mesnil, periferia francesa, minha pesquisa sobre o rap não interessou definitivamente os jovens. Minha presença os interpelou, mas não da maneira como eu havia imaginado. Eu compreendo que meu interesse e o fato de estar com eles não seriam suficientes para compartilharmos o universo do rap. Nada parecia capaz de criar laços entre nós e, frequentemente, me sentia invisível entre eles; nenhum tipo de contato era possível. Por outro lado, começava a ouvir a respeito dos conflitos entre os jovens moradores da Cité des Tilleuls e da Cité 212, dois bairros vizinhos no Blanc-Mesnil. Tais conflitos eram alimentados pelo rap, pelas letras compostas pelos jovens que exaltavam a força e a superioridade do seu bairro em detrimento do vizinho. O rap era, assim, o prelúdio das disputas entre os jovens no Blanc-Mesnil. Tal situação provocou em mim uma confusão e um mal-estar que se manifestavam como uma grande dificuldade de ir a campo e um embaraço ao falar sobre a pesquisa com os meus pares. A ruptura entre minhas motivações na construção do meu objeto de pesquisa e o que encontrei em campo só iria aumentar.

Nossa hipótese inicial de pesquisa supunha que a mediação artística introduzida pela escrita de um rap poderia oferecer a possibilidade de uma expressão não violenta da violência. As rivalidades seriam, assim, expressas por meio da música, e as palavras evitariam o ato. A simbolização contém ela mesma uma capacidade de contenção, na medida em que introduz o recuo e a expressão mediada pelo símbolo. Por outro lado, a impossibilidade de simbolização poderia conduzir à passagem ao

³ Contratransferência refere-se a reações inconscientes em relação à transferência. Este, por sua vez, é um conceito criado por Freud para designar as reações inconscientes do paciente em relação ao analista, essencial no processo de cura. A transferência, no entanto, não se manifesta exclusivamente no *setting* analítico. Ela está presente em outras relações assimétricas (professor-aluno, médico-paciente, pesquisador-objeto...), designando a atualização de desejos inconscientes do indivíduo nessas relações.

ato violento do sujeito contra ele mesmo ou contra o outro (BARUS-MICHEL, 2004). Esta hipótese inicial inscrevia-se, assim, na continuidade de pesquisas⁴ que colocavam em evidência a *positivação* ou a *pacificação* operadas por meio do hip-hop, opondo-se ao discurso midiático que apresenta o rap como uma incitação à violência dos jovens moradores de espaços urbanos estigmatizados. A expressão pelo rap não neutraliza a violência, mas permite que esta se expresse de outra maneira.

O encontro com os jovens rappers do Blanc-Mesnil, no entanto, nos conduziu a aprofundar a problematização dessa hipótese inicial. Os jovens brasileiros e franceses são unânimes em recusar a assimilação da violência ao rap, o qual eles vivenciam como um espaço de criatividade e de compartilhamento. Contudo, nós fomos levados a desconstruir esse ideal de pacificação para tentar acompanhá-los na fronteira frágil entre a expressão pelas letras de rap e as brigas entre as *cités*.

Rapidamente, constatamos as reticências das associações locais do Blanc-Mesnil ao proporem apresentações de rappers durante as festas dos bairros. De modo praticamente sistemático, elas eram seguidas de brigas. Em junho de 2008, os jovens rappers da cidade foram convidados a se apresentar no palco do festival organizado pelo Centro Social da Cité des Tilleuls, no norte do Blanc-Mesnil. Sete jovens da Cité des 4 Tours, do sul da cidade, vieram se apresentar. Segundo Ali, um dos coordenadores da associação que reúne os rappers do Blanc-Mesnil, os jovens do sul eram gentis e seus raps falavam sobre suas *cités*. Logo depois da apresentação, a sala ficou vazia. Os jovens dos Tilleuls, entre 15 e 20 anos, se reuniram para bater no jovem da Cité des 4 Tours. No dia seguinte, aqueles que haviam presenciado a briga contaram que 15 jovens do Tilleuls batiam em um só jovem da 4 Tours. A briga terminou com a intervenção dos bombeiros. L.P., rapper do Blanc-Mesnil, nos disse a esse respeito:

Sobre a rivalidade e tudo... como eu te disse, visto que esta música, ela reflete certa realidade, é verdade que na *banlieue*, frequentemente uma *cité* tem uma confusão com outra *cité* etc... tem muita rivalidade, a gente não sabe por que, frequentemente é estúpido, entendeu? [...] são garotos, hein?! É preciso dizer... crianças... em plena construção. Eu não vou fazer psicologia de boteco, mas eles estão em busca de identidade também, entendeu?! Você é a psi, você é a especialista... [...] A gente estava lá, mas até a gente chegar e separar os meninos, eles já tinham batido no garoto [...] Na letra [do rap] não tinha ataque pessoal contra ninguém. Eles [do Tilleuls] talvez acharam que ele [o garoto da 4 Tours] estava contando vantagem porque ele não é daqui, e acabou acontecendo o que aconteceu. É uma pena, entendeu?! É uma pena (Dados da Pesquisa).

Segundo Ali, os organizadores do evento decidiram continuar o festival depois da briga. Os jovens que haviam batido subiram em cena para cantar seus raps alguns minutos mais tarde. Ali preveniu os jovens rappers que frequentam a associação: “se um dia algo parecido acontece na associação, eu os previno: a gente interrompe imediatamente o evento”. Ali mostra, assim, para os jovens, que ele apreende a relação entre a cena de rap e a cena da briga, laço que ele recusa.

⁴ Cf.: BAZIN, 1995; SHUSTERMAN, 2003; DAYRELL, 2005.

No Blanc-Mesnil, as brigas participam da cena de rap. Trata-se de uma performance coletiva cujo objetivo é assegurar o prestígio do mais forte e a honra do bairro. Na ausência de outros signos de cidadania, as rivalidades entre os bairros permitem que os jovens afirmem uma identidade gerada por um acontecimento ancorado no pertencimento territorial. Os conflitos se apresentam como um meio de ascender ao poder e se destacar dentro do grupo, o rap sendo ele mesmo instrumentalizado para dar força e vitalidade aos combates, por meio de letras que colocam em evidência a superioridade do bairro e o pertencimento do rapper.

Durante a realização de uma oficina de rap cujo título – “Unidade no Blanc-Mesnil” – explicitava claramente as intenções da associação, Combustível, um jovem rapper de 15 anos, cantou:

Bem-vindo à minha cidade Blanc Blanc Blanc Blanc-Mesnil

É cruel, a Vinte é a minha rua

Minha cidade, eu a apresento

Ao mesmo tempo em que me apresento

Cantando, encantado!

Veja o bairro dos Tilleuls, 4 Tours

Vem, vem fazer um passeio por aqui

Onde sempre é a mesma história

Onde o norte leva a vitória

Onde o norte leva a vitória...

(Dados da pesquisa)

No rap, o jovem se apresenta por meio da sua cidade. A proposta feita à Cité de 4 Tours, do sul, de vir fazer um passeio nos Tilleuls, no norte, é um convite ao combate, cujo desfecho é antecipado e anunciado pela superioridade do norte. Nos códigos dos jovens, ultrapassar as fronteiras do território do outro é o sinal de uma provocação para a luta. Sendo assim, se o jovem canta por meio de um rap e no território rival os trunfos do seu bairro, tal transgressão deve ser severamente punida, de forma que a reputação do grupo não seja ameaçada. Nós realizamos uma entrevista com Combustível e Nisu, amigo com quem ele compõe rap:

Combustível: [...] Eu não sou violento. O rap não é violência, né?!

[Me olhando com os olhos fixos, pedindo uma confirmação.]

Nisu: Não.

Ana: Você falava que o rap não é violento...

Combustível: É, não é violência. Fisicamente não é violento.

Nisu: É verbalmente.

[...]

Combustível: Não tô nem aí. Quando eu escrevo, quando eu insulto alguém nas minhas letras, eles devem saber que é pra eles.

Ana: Mas pode acontecer que a violência seja real?

Combustível: A violência? A cada vez que eu usei da violência, foi eu que ganhei!

[Nisu ri]

Ana: Agora você está falando das brigas?

Combustível: É, das brigas, sou eu que ganho.

[...]

Ana: A relação entre ser violento no rap e ser violento...

Combustível: Eu não sou violento!

Nisu: Eu digo o que eu tenho a dizer, mas eu não sou violento. Se a gente quer ser violento, a gente é violento.

Combustível: Eu chego, eu faço meu rap, eu me apresento. "Encantado!"

(Dados da pesquisa)

Combustível e Nisu afirmam que o rap não é violência e que eles não são violentos. Mas Combustível diz também que utiliza o rap para provocar o seu rival, o que instiga o combate.

A análise dessa passagem mostra inadequação no manejo da entrevista⁵, a exterioridade do meu olhar sobre a *banlieue*, e o que é designado como violência fica evidente. No momento da entrevista, ainda estou muito distante do vivido pelos jovens para apreender as questões simbólicas que permeiam os conflitos entre os bairros. O vínculo entre o rap e o combate me escapa, o que me impede de acompanhar o que os jovens me dizem.

Nisu e Combustível mostram que a briga e o rap têm aqui a mesma função: designar aquele que é o mais forte e o mais audacioso. Se pensamos a performance do rapper como a expressão do *ethos* guerreiro (CARRETEIRO, 2005; SAUVADET, 2006), o "palco" é o lugar da apresentação de um rap ou de uma briga; o palco é o espaço onde o jovem prova sua força e sua virilidade, onde será representada a existência social do sujeito. Era preciso, assim, sair da reflexão que opõe ato *versus* letras, briga *versus* rap, para compreender como os jovens podem exprimir nos seus comportamentos, atos e palavras a violência de suas condições de vida.

O rap se situa em um primeiro nível de simbolização daquilo que atravessa a vida dos jovens. Eles podem socializar o que vivem por meio de uma letra, que se apresenta como um *porteur* entre o que o jovem sente e o outro, coletivizando com expressão seus sentimentos e seu vivido. O rap se apresenta, nesse nível, como um envelope grupal e como uma forma de contenção para expressão dos jovens. Ele cria um universo de compartilhamento no interior do qual os jovens podem trocar suas experiências na *banlieue*. O rap é um espaço de mediação em que se buscam palavras, criando um distanciamento em relação à ação que prevalece no *ethos* guerreiro. Aqui, a força do rap está em sua função simbólica, afirmando-se como um mediador. O rap não é a expressão de um ato banal, ele é um ato de criação que introduz o compartilhamento de uma encenação dos trunfos daquele que canta. Performance e poder podem, assim, ser vividos pelos rappers como um ato criador, e a experiência dessa novidade pode ser compartilhada.

O rap pode, contudo, também chamar para uma ação guerreira. Nesse sentido, ele perde sua força de distanciamento do ato, aumentando a força guerreira da ação. Nesse ponto, não é a criação do rap que é investida como ação; o rap se torna um meio de atingir outro palco, o do teatro guerreiro. Se a figura do jovem rapper pode ser a expressão do *ethos* guerreiro, pode-se também dar outro sentido e criar um distanciamento em relação a essa expressão.

⁵ Trata-se da primeira entrevista da pesquisa. As questões em torno dos dispositivos e da metodologia foram amplamente analisadas neste trabalho, mas não são objeto desta apresentação.

Roger Cassin (2010, p.167) retoma em seu artigo a diferença feita por Lacan entre passagem ao ato e *acting out*: o primeiro é “definido como uma ruptura da trama simbólica” e o último “é endereçado ao outro do simbólico”. A passagem ao ato introduz a separação radical com o outro, a base do vínculo social. Criam-se um antes e um depois e provocam-se uma mutação subjetiva e uma desordem social. A passagem ao ato é produzida no encontro do “embaraço” do sujeito, que não sabe mais o que fazer dele mesmo, no topo da dificuldade e da “emoção” que remete ao movimento que se corrompe, à catástrofe. O *acting out* seria ocasionado pela junção do impedimento, que seria de ordem do narcisismo do sujeito ligado à sua própria imagem, e do “se sentir tocado⁶”, que, diferentemente da emoção, remete à perda do movimento, do poder e da força do sujeito. Segundo o autor,

O termo *acting out* é uma referência ao teatro, é um “ação!” dito aos atores para os convidar a encenar. No *acting out* há o contorno de um cenário. O sujeito encena seu papel na cena simbólica. É uma mostração que permanece velada para o sujeito. Ele a encena para o Outro que lhe assiste. Ele a encena porque não pode dizê-la. Ele não pode dizê-la como seria necessário porque ele é impedido. [...] O *acting out* é uma mostração pelo sujeito daquilo que ele é impedido de dizer. O “se sentir tocado” assina a impotência (CASSIN, 2010, p.167-168).

No *acting out*, o sujeito é impedido de dizer, mas tenta comunicar com o outro por meio do jogo, para lhe transmitir uma mensagem com a encenação. O que se passa na cena simbólica tem um sentido porque há o outro que observa e porque há uma mensagem que lhe é endereçada e que deve ser compreendida. O vínculo social se reforça na e pela encenação.

A trama simbólica na qual se realizam as brigas no Blanc-Mesnil é colocada em evidência pelos elementos que compõem o cenário: as fronteiras invisíveis entre os territórios, o corpo investido como capital simbólico e a presença do outro, rival ou apoiador, que participa da performance como ator ou espectador. Tudo isso participa da construção do sentido para aquele que se engaja em uma cena. As brigas seriam, como um *acting out*, uma busca de simbolização do jovem que se constrói. Ele não é capaz de dizer, mas ele está “em vias de”, ele participa de uma cena endereçada ao outro. Essas análises nos permitem distinguir as brigas entre os bairros do Blanc-Mesnil da passagem ao ato violento, que possui “uma conotação jurídica e uma tonalidade delinquente”. Nesse caso, há uma separação com o Outro, e o vínculo social não se estabelece mais.

Tais performances coletivas implicam correr um risco e se expor ao perigo, podendo levar a fins trágicos. Em junho de 2009, um jovem faleceu durante uma briga depois da Festa das Associações do Blanc-Mesnil. A cena de rap foi proscrita da programação do dia; os organizadores temiam que ela “esquentasse” o clima, o encontro entre os jovens, provocando, invariavelmente, um ambiente de afrontamento.

Dessa vez, a briga opunha a Cité dos Tilleuls e a Cité do 212. Reunidos para o dia de festividades, os jovens eram numerosos. Depois da festa, os jovens dos Tilleuls foram para o 212, cenário que, como discutido anteriormente, impõe o combate. Vários jovens acompanhavam o grupo no clima de agitação do dia, não necessariamente

⁶Tradução de *émoi*.

decididos a se envolver em um corpo a corpo, participando como espectadores da cena. Medhi fazia parte desses jovens; os moradores do Blanc-Mesnil concordavam em dizer que ele nunca participara das brigas entre os bairros. Alguns jovens dos Tilleuls, conhecidos por sempre se envolverem nos conflitos, não o conheciam.

O grande grupo que chegou ao 212 provavelmente reforçou a apreensão dos jovens desse bairro, confrontados com uma “invasão massiva” de seu território. Do lado dos Tilleuls, podemos vislumbrar o orgulho de serem tão numerosos no espaço do adversário. O grande número de jovens reunidos dos dois lados contribuiu para aumentar os perigos de um afrontamento: mais força a utilizar, mais superioridade a demonstrar, mais honra a engajar. Assim, balas reais se misturaram a balas de borracha. Segundo Ali, os jovens viam Medhi no chão, mas não acreditavam no que viam. Um jovem disse que ele iria se levantar. No meio da confusão, muitos diziam que as balas não eram de verdade...

O que nós ouvimos dos que viram a cena foi a negação pelos jovens da realidade engajada na cena simbólica do combate. Os jovens, afirmando que era uma morte falsa, com balas falsas, disseram que se tratava de um falso combate. A polícia nunca descobriu de onde veio a bala que atingiu fatalmente Medhi. Pode ser que ela tenha vindo dos Tilleuls. As reações dos jovens face ao real da morte revelaram que havia sido um acidente, um fim trágico de um jogo agonístico.

A INCIDÊNCIA DO PERTENCIMENTO SOCIAL DA PESQUISADORA NO BRASIL E NA FRANÇA: O COMBATE DO HIP-HOP ATUALIZADO NA PESQUISA

No Brasil, a desconstrução do ideal da pesquisa operou-se de forma diferente. Dado, rapper profissional e coordenador de uma Organização Não Governamental (ONG) em Nova Iguaçu, cujas atividades iríamos acompanhar durante nossa pesquisa, disse-me alguns dias depois do nosso primeiro encontro:

Ana, é bom que tenha pessoas como você que venham aqui, fazer pesquisas sobre o hip-hop, mas, na verdade, a gente é que deveria fazer essas pesquisas. É nossa história, não são os outros que devem vir aqui para contá-la... no futuro, nós é que devemos fazer essas pesquisas (Dados da pesquisa).

Dado me disse em seguida que ele queria estudar Sociologia na universidade e me pediu para lhe aconselhar algumas leituras. Ele aponta, assim, para uma “certa ilegitimidade” da minha pesquisa, pelo fato de eu fazê-la no lugar deles.

Para mim, a pesquisa por meio da qual eu pretendia testemunhar meu engajamento em relação à juventude em situação desfavorecida poderia fazer de mim uma parceira de um combate compartilhado, o que deveria proteger nossa relação da tensão que nos inscrevia em uma relação de classes sociais. Esse ideal, marcado pelos valores de uma classe média branca e de esquerda, instalada em certo conforto, foi rapidamente questionado. A ambivalência que Dado gentilmente expressou em relação a mim e ao meu trabalho revelou aquilo que em outros encontros no Rio se manifestou com muito mais intensidade: a pesquisa era um espaço de encontro, mas também de emergência do conflito. Eu era, talvez, uma parceira, mas era

também a representante de uma classe dominante branca, em uma proximidade que atualizava as questões que atravessam nossos pertencimentos sociais.

A abordagem clínica convida a apreender os momentos de crise como acontecimentos que favorecem o acesso ao conhecimento, na medida em que ela faz emergir contradições e conteúdos desconhecidos, que permanecem escondidos ao longo da pesquisa. A desconstrução do nosso objeto foi provocada pelo encontro com o campo, mas sua reconstrução foi realizada por meio da abordagem clínica, que nos permitiu retomar o campo a partir daquilo que ele provocava na pesquisadora. Por outro lado, a realização da pesquisa em dois contextos distintos possibilitou o aprofundamento de nossas análises clínicas, uma vez que as particularidades dos meus pertencimentos sociais e das minhas inscrições identitárias produziram incidências diferentes na relação com jovens rappers brasileiros e franceses. Era preciso, assim, enraizar a questão da pesquisa no campo e a compreender segundo o vínculo social entre a pesquisadora e o observado.

Segundo Florence Giust-Despairies (2004, p. 120-121),

A transferência, em suas diferentes dimensões, é considerada como o que atualiza a realidade psíquica de uma cena social apresentada, reproduzida. [...] A relação ao enigma do outro qualifica os modos transferenciais que especificam a abordagem clínica. Esta última repousa sobre a relação que se define como processo de subjetivação cuja questão é um trabalho sobre a alteridade. A elaboração pode ser compreendida como consequência de uma atenção particular de um sujeito para outro sujeito, atenção que se esclarece no desenrolar dos jogos intersubjetivos.

A questão da transferência e da contratransferência coloca as perguntas “Quem é o pesquisador para o observado?” e “Quem é o observado para o pesquisador?”, apontando para uma produção subjetiva e inconsciente enraizada em um contexto social. Por meio dessa palavra endereçada, pesquisador e pesquisado explicitam suas representações do outro, deles mesmos e do mundo que os envolve, obtendo-se, assim, um material privilegiado na construção de um saber sobre o objeto de pesquisa.

Meu primeiro contato com os jovens moradores de *banlieues* foi em 2004, quando eu facilitava grupos de jovens que trabalhavam com a pintura de máscaras sobre o rosto como um recurso utilizado na “prevenção primária e global da violência”.⁷ Naquele momento, havia um ano que morava na França e não dominava bem o francês. Eu fui ao encontro desses jovens com o receio de não conseguir entender as “derrapagens” da comunicação verbal no grupo. Temia que os jovens tirassem proveito das lacunas do meu linguajar. No meu primeiro encontro com o grupo, meu sotaque foi imediatamente identificado: “Madame, madame, a senhora é inglesa?”. Outra jovem acrescentou: “Ela é como a gente, mais uma sofredora na França...”. Por meio da identificação da jovem negra, em dificuldade escolar, moradora de uma *banlieue* distante, eu me descobri estrangeira na França. Até então, eu me sentia “simplesmente” uma brasileira morando na França para fazer meus estudos. O olhar da jovem me colocou face a uma inscrição social que até então me era desconhecida.

⁷ Tal dispositivo foi criado por uma associação composta de psicólogos e psicanalistas. A análise desse trabalho foi objeto da minha dissertação de mestrado, “A simbolização como uma possibilidade de emergência do sujeito: uma experiência de jovens em risco de violência que constroem máscaras” (MASSA, 2004), pela Université Paris Diderot Paris 7, sob a orientação de Vincent de Gaulejac.

Na realidade, minhas dificuldades com a língua francesa se traduziram em uma atenção especial em relação a mim. Os jovens falavam comigo devagar e eram absolutamente gentis. Na minha dissertação de mestrado, descrevi a hipótese de que a transferência em relação a mim era associada a uma identificação com as imagens parentais, com adultos que não falam bem o francês, que têm a função educadora e que vêm de um *ailleurs*, de outro lugar. Os jovens respeitavam meu modo de falar, o que não mudou na minha relação com os jovens do Blanc-Mesnil. Foi um efeito surpreendente, pois, na contratransferência, eu temia que meus erros e minha dificuldade com a língua francesa pudessem contestar a legitimidade do meu lugar como interveniente. Na França, as fragilidades de ser estrangeira se transformavam em uma força e em uma proximidade na relação com os jovens.

No Brasil, diferentemente, estou cristalizada no lugar social do dominante. O fato de pertencer à classe média, de fazer estudos universitários, de ser branca me coloca indiscutivelmente na condição de favorecida. O fato de morar na França para fazer meus estudos coroava os privilégios sociais de uma bem-nascida. O fato de fazer uma tese sobre favelas e periferias brasileiras foi entendido, em diferentes momentos nos encontros com rappers cariocas, como a atualização de nossa relação dominante/dominado. Eu tomava suas palavras, seus pensamentos, suas experiências, seus raps para utilizá-los na minha escrita. Isso não seria retomar a pluma da dominação? A crítica da escrita me reenviava a uma dimensão da tese que permanecera ocultada. Fui, assim, tomada pela contradição, por aquela parte de mim que reproduzia as relações de dominação que desejava combater: fazer uma tese sobre jovens moradores das favelas e das periferias reproduzia a violência simbólica que contém o fato de escrever sobre a pobreza quando não é vivida, de escrever sobre o racismo quando não se é negro. A violência que ocultava era a violência provocada pela pesquisa. O conflito do qual eu pretendia escapar era aquele que produzia vindo a seus encontros.

Um dos lugares ao qual eu fui reenviada foi o do adversário, do outro contra o qual se constrói o combate simbólico do hip-hop. Dessa maneira, um dos meus modos de compreensão da luta contra as relações de dominação desse movimento cultural urbano passava pela exibição das nossas diferenças, que nos opõem e não fazem de mim uma aliada. Na contratransferência, eu resisti a essa confrontação e tive a impressão de que não era “bem-compreendida”. Volto muitas vezes a essa questão, certamente ligada a um desejo de pacificação cujo custo era menor para mim.

Assim, não se deve compreender a coconstrução como a participação à revelia [do observado] da produção de um material cuja especificidade se estabeleceria ao que se deixa apreender de uma experiência comum: a atividade representativa, simbolizadora, compreensiva dos sujeitos é incluída no objeto de pesquisa. É precisamente porque ela inclui esta atividade interpretante no sentido de uma reapropriação subjetiva de significações (por definição jamais terminada) que a clínica não é uma ciência que explica os fatos pelas suas causas, mas uma hermenêutica de processos pelos quais são produzidas essas significações (GIUST-DESPRAIRES, 2004, p. 120).

Não se trata de colocar o observado lá, onde esperava o pesquisador, mas de reconhecê-lo como sujeito e, assim, suportar as tensões e as contradições que tal entendimento introduz na pesquisa. O objeto define seus contornos no interior da pesquisa, na relação intersubjetiva construída com o pesquisador.

CONCLUSÃO

A pesquisa finalmente “alavancou”, emergindo pouco a pouco das contradições que atravessavam nossas relações, da indiferença que reinava no Blanc-mesnil, da hostilidade de certos encontros no Rio, mas também do reconhecimento pela minha presença. Apesar de tudo, no Blanc-Mesnil e em Nova Iguaçu, os jovens ficavam contentes, porque eu sempre voltava a estar com eles, provando, assim, a solidez do meu engajamento.

Nossa pesquisa instaurava uma possibilidade dialógica face a um conflito que normalmente se cristaliza em posições estereotipadas de relações entre classes sociais. Se a pesquisa fazia as diferenças emergirem em nossas relações, ela nos dava, ao mesmo tempo, a possibilidade de fazer algo a partir desse primeiro ponto. A pesquisa afeta ela mesma as situações que o pesquisador quer apreender, recriando-se entre repetição e transformação.

A abordagem clínica engaja o pesquisador na ação ao lado do observado para, em seguida, analisar a partir de diferentes registros o que foi produzido em uma situação social, que é também a situação de pesquisa, atravessada pela sua implicação. Essa abordagem introduz assim dois tempos da pesquisa, o da imersão – da criação de vínculos, do se deixar levar, dos riscos, da transformação da pesquisa em um objeto comum, compartilhado entre o pesquisador e o pesquisado – e, em seguida, o do *après-coup* – do distanciamento, do recuo para introspecção e análise de processos sociopsíquicos engajados no desenrolar da pesquisa. Florence Giust-Desprairies (2004, p. 26) define assim:

[...] um *après-coup*, ele se elabora com as variações no tempo, ele recria a situação, a atualiza em uma presença a si, constituída pela experiência subjetiva. O objeto clínico não é tanto o acontecimento ou a situação como tal, mas o processo em construção, ele não é tanto o traço ele mesmo, mas o traçado que se revela às vezes ou se desemboca em um caminho singular.

Parece-nos impossível fazer esses dois tempos coexistirem, criando uma concomitância entre participação e distanciamento. Nossa experiência nesta pesquisa testemunha um tempo de vivido e um tempo de análise. Os movimentos psíquicos entre a disponibilidade e o investimento exigidos por esses dois momentos criam duas temporalidades diferentes. O encontro com o universo do hip-hop no contexto da nossa pesquisa nos conduziu a uma imersão que só o trabalho no *après-coup* nos permitiria compreender e analisar as questões socioculturais e psíquicas nas quais estivemos engajados.

REFERÊNCIAS

ANSART, P. Le contre-transfert du chercheur dans l’analyse des idéologies. **Bulletin de psychologie**, Paris, Tome 39, n. 377, p. 805-808, 1986.

BARUS-MICHEL, J. **Souffrance, sens et croyance: l’effet thérapeutique**. Toulouse: Éd. Èrès, 2004.

BAZIN, H. **La culture hip-hop**. Paris: Éd. Desclée de Brouwer, 1995.

CARRETEIRO, T. C. Corpo e contemporaneidade. **Revista Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, vol. 11, p. 62-76, 2005.

CASSIN, R. Acting out et passage à l'acte. In: JODEAU-BELLE, L.; OTTAVI, L. (dir.) **Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne**: repères épistémologiques, conceptuels et cliniques. Rennes: Éd. Presses Universitaires de Rennes, 2010. p. 165-174.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GAULEJAC, V. de; HANNIQUE, F.; ROCHE, P. **La sociologie clinique, enjeux théoriques et méthodologiques**. Toulouse: Éd. Érès, 2007.

GIUST-DESPRAIRIES, F. **Le désir de penser**: construction d'un savoir Clinique. Paris: Éd. Téraèdre, 2004.

LAGES E SILVA, R.; SILVA, R. Neves da. Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o hip-hop. **Fractal Revista de Psicologia**, Niterói, v. 20, n. 1, p. 135-148, jan./jun. 2008.

MASSA, Ana. **A simbolização como uma possibilidade de emergência do sujeito**: uma experiência de jovens em risco de violência que constroem máscaras. 2004. 99p. Dissertação (Mestrado em Sociologia do Poder) – Université Paris Diderot 7, Paris, 2004.

MORIN, E. **Introduction à la pensée complexe**. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

PAGÈS, M. **L'implication dans les sciences humaines**: Une clinique de la complexité. Paris: Éd. L'Harmattan, 2006.

PECQUEUX, A. **Voix du rap**: Essai de sociologie de l'action musicale. Paris: Éd. L'Harmattan, 2007.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. **Primeiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.

SAUVADET, T. **Le capital guerrier**: concurrence et solidarité entre les jeunes de cités. Paris: Éd. Armand Colin, 2006.

SHUSTERMAN, R. Pragmatisme, art et violence: le cas du rap. **Mouvements**, Paris, n. 26, p.116-122, mars/avril.2003.

TAKEUTI, N. Movimentos culturais juvenis nas "periferias" e inventividades sociais. In: MARTINS, P. H.; MEDEIROS, R. **América Latina e Brasil em perspectiva**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009. p. 331-350.

WELLER, W. O Hip Hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103-116, jan./abr. 2004.

Data de aprovação: 13/01/2016

Data de aprovação: 13/02/2016

